

RESUMO EXPANDIDO ESTRUTURADO - ESTUDOS EXPERIMENTAIS E DE
REVISÃO- METODOLOGIAS DE REVISÕES SISTEMÁTICAS,
INTEGRATIVAS, METAANÁLISE E MODELOS EXPERIMENTAIS EM
PESQUISA BIOMÉDICA.

ANÁLISE INTEGRATIVA DO CONTO "JOÃO E MARIA"

Cícero Guilherme Paiva Gonçalves (gg0389504@gmail.com)

Isabel Barboa De Oliveira (isabelbarbosa2018@hotmail.com)

Lavínia Batista Soares De Sousa (laviniabatistapsi@gmail.com)

INTRODUÇÃO: O conto João e Maria, eternizado pelos irmãos Grimm, é uma narrativa que atravessa gerações, carregando em sua estrutura elementos simbólicos profundos ligados à infância, como abandono, medo, sobrevivência e superação. A história, que narra a jornada de dois irmãos deixados na floresta pelos pais e aprisionados por uma bruxa em uma casa feita de doces, pode ser lida muito além de seu enredo literal. Ao longo do conto, a criança é colocada frente a ameaças reais e fantasias internas, e é justamente nesse ponto que ele se torna um instrumento poderoso para refletir sobre os aspectos emocionais e psicológicos do

desenvolvimento infantil. A trama sugere não apenas os perigos externos que rondam a infância, mas também os desafios internos enfrentados pela criança em

seu processo de amadurecimento psíquico, tornando a história relevante para o olhar clínico da psicoterapia. Para fundamentar essa abordagem, é importante compreender como a infância foi historicamente construída. De acordo com Philippe

Ariès, em sua obra *História Social da Criança e da Família* (1973), a infância como a

concebemos hoje é uma invenção relativamente recente. Durante a Idade Média, as

crianças eram inseridas precocemente no mundo adulto, sem o reconhecimento de

um período próprio de desenvolvimento. Essa mudança de percepção ao longo dos

séculos permitiu que a infância passasse a ser vista como uma fase única, marcada

por fragilidades, mas também por possibilidades específicas de elaboração

simbólica e emocional, o que reforça a importância de abordagens psicoterapêuticas

voltadas a esse público. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo

analisar o conto de João e Maria a partir de uma perspectiva da psicoterapia infantil,

explorando os conteúdos simbólicos e emocionais presentes na narrativa, bem

como suas possíveis ressonâncias no universo psíquico da criança. A análise visa

compreender como a história pode funcionar como um espelho das angústias e

desejos infantis, além de um recurso potencialmente terapêutico no contexto clínico.

OBJETIVO: Fazer uma análise do conto João e Maria a partir de uma visão da

psicologia. Compreender como a ideia do conceito de infância vem sendo construída ao longo dos anos. METODOLOGIA: O presente artigo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfica, com foco na análise simbólica e psicológica do conto “João e Maria”, em sua versão clássica dos Irmãos Grimm. A metodologia se constituiu por meio da análise de conteúdo, com realização de leitura interpretativa do conto e análise apoiada nas teorias de Donald Woods Winnicott (1975), Henri Wallon (1979), Lev Vygotsky (1998) e Philippe Ariès (1981), buscando identificar elementos simbólicos relacionados à infância, medo e superação. Esses elementos foram posteriormente articulados com os conceitos teóricos escolhidos, a fim de compreender suas possíveis implicações no campo da psicoterapia infantil. DESENVOLVIMENTO: De acordo com a obra de Ariès, História social da criança e da família (1978), o sentimento sobre a infância se dá nas camadas mais nobres da sociedade. Já a criança pobre continua a não conhecer o verdadeiro significado da infância, ficando assim à mercê da própria sorte. Em João e Maria, nota-se uma visão de infância marcada pela vulnerabilidade e pobreza, uma vez que os irmãos são abandonados pelos pais diante da escassez de alimentos. O conto reflete sobre um recorte histórico no qual a sobrevivência familiar se sobrepunha ao cuidado infantil. A narrativa de João e Maria remota da idade média, mas escrita e publicada pelos irmãos Grimm apenas no século XIX, traz este contexto histórico em que ao passar por dificuldades financeiras os pais dos irmãos se veem obrigados a abandoná-los na floresta. Esse

abandono pode ser entendido como uma metáfora para o fim prematuro da infância,

em que as crianças agora estavam sob a própria responsabilidade. Para Vygotsky, a

infância é marcada pela mediação cultural e pela linguagem como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento. A narrativa trata a cooperação entre João e

Maria como algo central na trama: Eles dialogam, planejam estratégias e dividem

responsabilidades, demonstrando como a interação social auxilia na superação de

desafios. Ao serem deixados na floresta, João e Maria percorrem um caminho tortuoso e sombrio. Esse trajeto desconhecido, combinado com o afastamento da

proteção parental faz com que eles sejam obrigados a criar autonomia, criatividade

e coragem para sobreviver, desenvolvendo resiliência. O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente

quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e em cooperação com

seus companheiros (VYGOTSKY, 1998, p. 117). O trajeto pela floresta também pode

ser visto como um espaço de aprendizagem mediado pela cooperação, à medida

que eles conversam, criam planos juntos, testam soluções e se apoiam

mutuamente, ou seja, a floresta funciona como uma “zona de desenvolvimento proximal”: sem os pais, mas com a parceria entre si, eles aprendem a lidar com

desafios que não enfrentaram sozinhos. Segundo Winnicott, o brincar é essencial

para o amadurecimento emocional e para a elaboração de conflitos internos. Na

história, João utiliza pedrinhas brancas e, posteriormente, migalhas de pão como

recurso simbólico para lidar com o abandono e uma forma de tentar manter seu vínculo parental vivo. Esses objetos podem ser entendidos como elementos de transição que oferecem à criança a sensação de segurança e controle diante da

situação ameaçadora. Um objeto transicional pode ser visto como a primeira posse

não-eu. Ele representa a transição da criança do estado de união com a mãe para

um estado em que ela se reconhece como uma pessoa separada (WINNICOTT, 1975, p. 14). CONCLUSÃO: Ao olhar para a história de João e Maria através das

lentes de Ariès, Vygotsky, Winnicott e Wallon, fica claro: a infância, em vez de ser

algo uniforme, muda com o tempo, cheia de significados históricos, sociais, emocionais, e simbólicos. A narrativa, a princípio uma simples fantasia, mostra detalhes interessantes quando olhamos por essas perspectivas, revelando como a

literatura para crianças mostra os obstáculos do desenvolvimento humano, assim

como as ideias sobre a infância em diferentes épocas. Na visão de Ariès (1978), a

fraqueza dos irmãos deixados na floresta reflete a criança desamparada que, no

passado, nem sempre era aceita pela sociedade. O abandono, causado pela pobreza, pode ser interpretado como uma imagem da falta de apoio institucional e

social, já que a criança era vista mais como parte da família, e não alguém com seus próprios direitos. A falta de um espaço próprio para as crianças, como o autor

ressalta ao avaliar a sociedade medieval, é sublinhada no conto. Os irmãos, tendo

de se defenderem sozinhos muito cedo, exibem o peso da exclusão, da desigualdade, sem dúvidas. A narrativa de João e Maria, uma constante imagem do

desenvolvimento infantil. Revela que a infância, tantas vezes esquecida através do

tempo, é igualmente um período de invenção, luta e aprendizado. Enquanto expõe

as provações sociais e históricas sofridas pela criança, a história exalta sua força

para vencer os obstáculos, sua capacidade de transmutar vivências dolorosas em

símbolos e construir novos caminhos através da colaboração, da imaginação e afeto.

Palavras-chave: infância; desenvolvimento infantil; psicologia; simbólico e contos de fadas.